

## Imagens fora de contexto

Há quem sustente que na pintura o tema não interessa. Concordo e discordo. Depende. Nestes trabalhos de *Mimi Tavares* o tema desempenha um papel verdadeiramente decisivo. Permite-lhe estabelecer um jogo subtil com a arquitectura e também com o desenho. Os processos que a artista aborda, os poderes demiurgos do criador, o idioma visual, os códigos simbólicos, os conceitos como os da forma que deslizam no discurso plástico adquirem uma enorme eficácia. A mera virtuosidade da pintura, a sua misteriosa verosimilitude sugere que as ressonâncias deste meio ainda funcionam. É uma homenagem.

As imagens que vemos aqui resultam tão melancólicas! Quartos vazios, salas de aulas, cenários frios e anódinos que suscitam enigmas e inquietantes sensações. A distinção entre memória interior e exterior é deliberadamente confusa. Aflora no espaço, ora meticulosamente arrumado ora propositadamente caótico, o fantasma de uma narrativa que não chega a acontecer. As linhas de pensamento foram deliberadamente perdidas, cortadas. Os raros objectos do simulacro de decoração flutuam como as almas penadas dos habitantes desaparecidos. É essa ausência que causa estranheza na tradição de um certo conceito de surrealismo. E até mesmo evocando uma ficção de ordem literária que se traduz como aquele lugar onde as coisas são assim e não são assim. Uma situação paradoxal que me parece fascinante.

Prevalece a muda eloquência das imagens fora de qualquer contexto, seja imaginário ou realista. Mas lateja ali uma dinâmica que, como afirma a artista, remete para uma pertinente pergunta: o que *fazer* e como *fazer*? Mais do que o *modus operandi*, será algo de muito pessoal, muito impressivo que impulsiona o acto criativo, explorando o âmago da própria natureza da pintura. É esta a estratégia criativa da artista que se propõe dar sentido às formas plásticas, fazendo delas uma caixa de ressonância da sua sensibilidade. Não documenta. Não reproduz o que viu nas fotografias das revistas antigas ou numa espreitadela furtiva através de uma janela entreaberta. Concebe um cenário desolador inspirado em casas ou apartamentos destituídos daquele design luxuoso das casas-modelo para consumo de milionários.

*Mimi Tavares* tenta estabelecer uma intimidade com o público dando o valor de uma forma aos seus desígnios artísticos que foram mudando ao longo do tempo. Já teve a sua fase pop-art, mas desde 2006 adoptou este lado “doméstico”. A palavra, para mim imbuída de um certo sarcasmo, é dela. As suas obras não são pinturas sobre a pintura. Contêm nas formulações algo de intrínseco. Há um envolvimento pessoal e intuitivo, embora atribua bastante protagonismo à composição. Já longe da pop-art que marcou com ironia a queda da modernidade heróica, realçando o banal como o cúmulo da maravilha.

A incidência da luz adensa a melancolia percebida a pairar naqueles espaços desgastados que o virtuosismo da pintura realça. As obras de *Mimi Tavares* inscrevem-se num registo cinematográfico, podemos mesmo encontrar ali uma correspondência indirecta. Nesta linha de abordagem, quando penso em apartamentos escuros, modestos, desprovidos de charme, penso nos interiores dos filmes de *John Cassavetes*, um mestre na criação de tensões visuais. Um cineasta que cultivava o intimismo colocando a câmara ao nível da cabeça dos actores. Já a artista exclui a retórica do protagonismo pessoal, dos ornamentos mutantes, preferindo as imagens tangíveis, nostálgicas. As figuras humanas desapareceram mas sente-se a sua presença. O foco da artista é a relação entre presença e ausência.

Os interiores retratados tal como a memória são sempre enganadores. Mas esse é o propósito de *Mimi Tavares* que evita cair no domínio das especulações esteticistas, dos artificios, das interferências ruidosas. Explora o monótono, o austero, as cores sombrias. Cultiva uma certa estética da melancolia que tem sempre uma dupla leitura. O seu olfacto artístico empurra-a para um território muito próprio. A arte da memória e não a arte da imitação, da apropriação, do remake, da reciclagem carregada de sarcasmo que ganhou estatuto no pós-modernismo. Pinta com desenvoltura, recusando a esterilidade do conceptual. Para ela pintar é algo de sensível e directo. Na urdidura do assunto nas telas, a artista reconhece que os títulos funcionam como um acrescento fundamental para a leitura. Um mau título pode matar uma pintura.

A tecnologia das comunicações converteu-nos numa aldeia global, os comportamentos particulares tendem a unificar-se em todos os lugares do mundo. Estas tendências do modelo não é casual, foi imposto por aqueles grupos ou sociedades que ostentam o poder. O país mais contundente a impor a sua hegemonia é os Estados Unidos. Onde o mercado dita as regras. O valor estético em que se baseia a arte contemporânea reside na inovação do discurso. Há que derrotar a tendência anterior, fazer diferente. Rapidamente. Deixemo-nos de embustes teóricos. O incentivo de pintar é tão bom como qualquer outro.